

# PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E LEITURA DE TEXTOS RELIGIOSOS EM PROSA E VERSO: EDUCAÇÃO CATÓLICA NA LITERATURA DE FOLHETOS DO NORDESTE<sup>1</sup>

Gilmário Moreira Brito\*

## RESUMO

Este texto trata sobre educação religiosa realizada à distância por meio de folhetos organizados no formato da literatura de cordel pela Igreja Católica para divulgar princípios religiosos com os quais pretendeu doutrinar grupos sociais do interior do Nordeste, entre as duas primeiras décadas do século XX. Os folhetos com trezenas, novenas, benditos, ofícios, ladainhas e orações destinadas a vários santos foram levantados na Coleção José Aderaldo Castelo do Instituto de Estudos Brasileiro da USP. Observando a linguagem imperativa e a vida dos santos narrada na segunda pessoa do plural, percebemos que os folhetos foram elaborados por padres, monsenhores, bispos, que versavam e prosavam da Igreja Católica para a leitura/audição de outros sujeitos. Por que a Igreja Católica utilizou o folheto para difundir sua doutrina? Para quem se destinavam as produções desses folhetos? Como aspectos e fragmentos dessa educação religiosa foram incorporados como práticas religiosas? Como poetas e impressores produziram folhetos elaborando histórias, orações e práticas religiosas que permaneceram na memória e no imaginário de grupos pautados em tradições de oralidade e escritura? São questões desafiadoras e complexas que possibilitaram refletir e analisar como grupos incorporaram seletivamente escritura e oralidade aferindo permanentes significados na constituição/reconstituição de culturas religiosas.

**Palavras-chave:** Educação católica – Literatura de folhetos – Produção e leitura de textos – Cultura religiosa

## ABSTRACT

### PRODUCTION, CIRCULATION AND READING OF RELIGIOUS TEXTS IN PROSE AND VERSE: catholic education in leaflet literature of the northeast of brazil

This text is about religious distance education via booklets known as cordel (string) literature realized by the Catholic Church to promote its religious principles. They were used to indoctrinate social groups in the Northeast, during the first two decades of the twentieth century. The leaflets with “trezenas”(three days prayer), novenas, blessed, crafts, litanies and prayers to various saints were encountered in the Collection of Aderaldo Jose Castelo, from the Institute of Brazilian Studies at the University of Sao Paulo (USP). Having note the imperative language and the life of the saints

\* Professor Adjunto do DEDC - Campus I – e PPGHRL – Campus V UNEB. Endereço para correspondência: Av. Dom João VI, nº02, Ap. 105, ED. M (Mirante de Brotas) - Brotas, Salvador Ba, CEP 40285 001, E-mail: gilmariobrito@uol.com.br

<sup>1</sup> Trata-se de nova reflexão da pesquisa *A religiosidade nos folhetos da literatura popular*, que desenvolvi no Doutorado Programa de Pós Graduação de História Social da PUC – São Paulo de 1997 a 2001.

narrated in the second person of plural, we realized that these texts were written by priests and monsignors bishops, who wrote in verse and prose about the Catholic Church for the reading and listening of others. Why did the Catholic Church use these booklets to disseminate its doctrine? To whom was intended the productions of the leaflets? How do these aspects and fragments of this cultural and religious tradition were incorporated as religious practices? How did the poets and printers produce leaflets developing stories, prayers and religious practices that remained in the memory and imagination of groups guided by traditions of orality and writing? Those are challenging and complex issues that allow reflection and analysis about how groups selectively incorporated writing and speaking in the permanent constitution / reconstitution of religious cultures

Keywords: Catholic education – Literature of brochures – Production and reading of texts – Religious culture

## Introdução

Este texto apresenta estudo sobre educação religiosa divulgada à distância por meio de folhetos de grande relevância apresentados em prosa e versos, organizados no formato da literatura de cordel e produzidos pela Igreja Católica para divulgar princípios de uma concepção moral e religiosa com a qual pretendeu doutrinar grupos sociais do interior do Nordeste, entre os primeiros anos do século XX até final da década de 1920. Além desse tipo de folhetos, a pesquisa também reuniu registros de histórias de santos, contos, rezas, novenas e orações que, a despeito de serem originários da tradição católica, foram trabalhados e permanentemente recriados por poetas, gravadores, folheteiros e vendedores que, alterando a estrutura narrativa, aportaram sentidos e significados em um processo que foi configurando-se historicamente como cultura religiosa.

Os folhetos classificados por ciclos temáticos que interessaram a pesquisa foram levantados na Coleção José Aderaldo Castelo do Instituto de Estudos Brasileiro da USP. Dentre os organizados como ciclo religioso destacamos trezenas, novenas, benditos, ofícios, ladainhas e orações destinadas a vários santos. Escritos na forma de prosa, poesia em versos ou mistos, recorrendo a uma linguagem imperativa, com tratamento pessoal estruturado na segunda pessoa do plural, denotando um grande conhecimento biográfico da vida dos santos, percebemos que esses textos foram elaborados por padres, vigários, monsenhores, bispos, que falavam com

base na Igreja Católica – principalmente do Ceará –, para a leitura/audição de outros sujeitos.

Por que a Igreja Católica utilizou o folheto para difundir sua doutrina? Quais os interesses de clérigos em ampliar mensagens religiosas por meio de folhetos? Para quem se destinavam as produções desses folhetos? Como poetas, impressores e estampadores, ao produzirem folhetos, elaboraram e, incorporando seletivamente Williams (1979, p.118), reelaboraram histórias, orações e práticas religiosas que permaneceram na memória e no imaginário de grupos pautados em tradições de oralidade e escritura? Como aspectos e fragmentos dessa tradição cultural religiosa foram encontrados como práticas religiosas<sup>2</sup> do Nordeste do Brasil? Que significados foram atribuídos, por clérigos e leigos produtores de folhetos para disciplinar a língua, o corpo e o espírito dos fiéis? São questões desafiadoras e complexas que norteiam nosso exercício de descrição, reflexão e análise neste texto.

## Produção e leitura de textos recomendados pela Igreja Católica: educação

<sup>2</sup> É importante assinalar, dentre práticas de instituições religiosas, a presença marcante da Ordem dos Capuchinhos Italianos no processo de evangelização de Nordeste. Esses missionários - na sua maioria de origem estrangeira -, falando um português precário, decorando textos desta língua e preparando atividades religiosas, deslocando-se lentamente, montados em burros, percorreram sertões nordestinos pregando mensagens religiosas aos cristãos que viviam fora das áreas de formação eclesial tradicional, das paróquias. Cf. Regni, Pietro V. *Os Capuchinhos na Bahia*. V. 03 p. 253.

## e valores de uma cultura religiosa em folhetos de cordel do Nordeste

Os folhetos religiosos destacam-se pela quantidade de informações; quase todos apresentam, pelo menos, mais de uma mensagem religiosa: uma novena e uma ladainha, uma trezena e orações e assim por diante. Além disso, foram escritos com caráter didático e pedagógico marcantes, explicitando pormenorizadamente todos os passos necessários para que devotos habitantes do interior nordestino, em localidades mais ou menos distantes de sedes diocesanas e paróquias, onde não existiam igrejas e padres, pudessem seguir, exemplarmente, orientações e práticas religiosas preconizadas pela Igreja Católica. Além das orientações os folhetos permitem visualizar como foram sendo produzidos, por meio de suas linguagens, recitações, declamações, gestos e performances, que apresentavam formas, valores, normas, moral, concepções de vida e modos de viver de uma cultura religiosa eclesial católica.

Observando a estrutura poética, narrativa e melódica da denominada “literatura de cordel” percebemos que os folhetos religiosos guardam uma linguagem erudita e rebuscada, própria de quem se expressa baseado em uma cultura letrada. Porém, a estrutura do folheto, seja em prosa ou em versos, seu formato de oito, dezesseis páginas (ou múltiplos de oito), os procedimentos empregados no processo de classificação por estudiosos dessa literatura, o caráter pedagógico e, principalmente, os esforços na produção de linguagens próximas a de grupos sociais que viviam em localidades mais ou menos distantes da presença de igrejas e padres, indicam que podem ser tomados como fontes, pois permitem estudar formas de veiculação de tradições católicas e processos de construção de culturas religiosas de grupos sociais do interior do Nordeste.

No exercício de interpretação e análise de alguns folhetos religiosos procuramos contextualizar perspectivas de experiências religiosas disseminadas no Nordeste por tradições eclesial católicas, prestando atenção em estruturas das frases, conteúdos de mensagens referenciadas em orações, rezas, cantos e, de forma especial, interconexões de linguagens que se cruzam na produção desses folhetos.

As recomendações produzidas nos folhetos religiosos pela Igreja apontam para exercícios de uma pedagogia moralista, prescrevem normas de comportamentos familiares que devem ser assumidas pela mulher, recomendam que seja inspirada por exemplos de fé, humildade e experiência de vida dos santos (as), advertindo que, acometida de dificuldades insolúveis no plano material, evoque esses poderes divinos. Poderes disponíveis para a compreensão e ajuda na resolução de problemas, normalmente por meio da intercessão junto ao Deus trino (Pai, Filho e Espírito Santo), na expectativa de alcançar uma graça fazendo uma promessa. Para tanto, a devota precisa comprometer-se a seguir todas as normas, valores prescritos em sinal de respeito, obediência e, principalmente, fidelidade, além do pagamento da promessa que pode ser tanto material – doações, presentes, abstinências – quanto espiritual – orações, festas, novenas, ofícios.

Esses folhetos, passando de mão em mão, por amplos espaços do Nordeste, alimentaram práticas religiosas nutridas por uma pedagogia severa, oriunda de tradições católicas. Contudo é importante registrar que, ao serem incorporadas por meio de experiências vivenciadas, inspirações, evocações e prescrições, alcançaram rezas, trezenas, festas, penitências, de maneiras diferenciadas. Para citarmos alguns exemplos de práticas religiosas devocionais no Nordeste, a romaria ao Padre Cícero Romão Batista em Juazeiro do Norte apresenta singularidades que a difere da Romaria ao São Francisco do Canindé, da cidade de Canindé, ainda que ambas estejam localizadas no Ceará.

Chama atenção que muitos dos folhetos foram produzidos em gráficas de instituições católicas, identificáveis pela autorização eclesial sob a denominação latina de *Imprimatur*. O objetivo era transmitir mensagens impressas em folhetos destinados ao interior do Nordeste e, de modo especial, do estado do Ceará, em um contexto no qual a Igreja Católica, as autoridades civis e eclesial procuravam restabelecer-se do conflito aberto com o Padre Cícero Romão Batista, que se constituía na grande referência religiosa de Juazeiro do Norte, situado no Vale do Cariri, no sul do Ceará. Conforme Ralph Della Cava,

Ao terminar o século XIX, era bem nítida a visão que se tinha de Juazeiro como centro de “fanatismo”. Vários fatores favoreciam essa impressão. Um deles, era a política da hierarquia eclesiástica do Ceará, que continuava a rotular Juazeiro de seita cancerosa dentro da Igreja (e dentro, também, do corpo político). Esses “fanáticos” tinham, também, desafiado os fazendeiros da região, que não titubearam em pedir intervenção policial (sic) (DELLA CAVA, 1985, p. 135).

Esse contexto torna-se ainda mais esclarecedor se lançarmos mão de um relatório confidencial, escrito em 1903, por membros da Igreja Católica do Ceará, no qual encontramos: “no Juazeiro de hoje, raro é o indivíduo, homem ou mulher, que segue o catolicismo; cada pessoa tem a religião como pensa, sendo Cícero o seu ministro, seu centro, um Deus” (DELLA CAVA, 1985, p.136). Para a Igreja Católica do Ceará a situação ainda se tornava mais conflituosa com a expansão de beatos e rezadeiras que, durante o silêncio determinado pelo Vaticano para o Padre Cícero, faziam pregações, davam instruções de práticas religiosas, distribuíam orações fortes e rezas, as quais tanto romeiros como católicos ortodoxos sentiam-se atraídos. Nesse sentido, “não admira que, em consequência, no decorrer de duas décadas, tenha havido contra a ‘Igreja oficial’ uma animosidade muito arraigada” (DELLA CAVA, 1985, p.136).

Para avaliarmos melhor a extensão desses confrontos e a reação da Igreja do Ceará é importante esclarecer que Juazeiro era a localidade para onde afluíam romeiros de várias paragens; o surgimento de elementos novos de uma prática que se constituía como cultura religiosa partia desse centro e disseminava por todo o Nordeste. Nesse processo, segundo Della Cava, tiveram papel destacado as novas beatas, que tornaram-se os oráculos populares de Joazeiro. Saídas da mesma classe social a que pertencia a maioria dos, aproximadamente 400 romeiros que chegavam, dia-a-dia, durante 1891 e 1892, as novas ‘santas’ do povo manipularam o credo religioso de Joazeiro com retumbante sucesso. À margem da discussão teológica sofisticada que se passava entre o clero, as beatas deram asas à religião popular que nascia. (Sic.) (DELLA CAVA, 1985, p. 137).

Religiosidade que constituía seus adeptos entre agricultores, meeiros e trabalhadores da enxada vinculados às propriedades da redondeza; seguidos de pobres do interior do Maranhão e da Bahia, como também dos sertões de Pernambuco, Paraíba e Rio grande do Norte, sem esquecer os que vieram do estado de Alagoas e de regiões do Rio São Francisco, em peregrinações nas quais se confundiam trabalhadores rurais, vaqueiros e reideiros desprovidos de terra, além de artífices diversos, com fazendeiros ricos, chefes políticos e funcionários públicos, assim como comerciantes, médicos, advogados e educadores. Todavia, como ressaltou Della Cava (1985, p. 139), muitos romeiros, chamados pelas elites de “fanáticos”, eram “analfabetos”, “pobres” e “politicamente inertes”. Sob a capa de impulso religioso, não ortodoxo ou heterodoxo, escondia-se, muitas vezes, o desejo infrutífero de controlar o meio adverso e debelar as injustiças sociais que faziam de suas vidas uma desgraça.

Dentre os textos produzidos por instituições religiosas e publicados sob a licença *Imprimatur*, surpreendemos tensões e confrontos no importante folheto religioso *Novena em Honra a Nossa Senhora das Dores* (Anônimo, s/d), sintomaticamente a padroeira de Juazeiro do Norte. Iniciando com uma oração que se aproxima mais do formato dos folhetos populares, contém oito páginas, três delas com textos em prosa e outras cinco em versos, cujas rimas variam em três, quatro e seis pés ou estrofes. Na capa um clichê de uma estátua de Nossa Senhora das Dores. Em primeiro plano, a imagem da santa, vestindo túnica branca, da cabeça aos pés, com as mãos postas, contendo um rosário e olhar tristonho, olhando para o alto e em direção ao infinito, denotando tristeza, comoção e resignação. Atrás da imagem, uma gruta de pedras revela uma entrada, sugerindo local de morada ou de pregação. Ao fundo, é possível visualizar, em terceiro plano, um fragmento com maior claridade que insinua um céu com poucas nuvens.

Atentando à escrita, observamos que, apesar de o tratamento dispensado a Jesus Cristo e à Santa mantivesse na segunda pessoa do plural, a mensagem do texto é direta e povoada de imagens que insistem em realçar aspectos trágicos e dramáticos das relações entre Jesus Cristo, a Santa e os cristãos:

Meu Senhor Jesus Cristo, que estando encravado na cruz, e tendo vossa alma submergida num profundíssimo mar de amargura (...) compadeceste de vossa aflita mãe (...) tocai (...) minha alma [para] que tenha (...) compaixão de suas lágrimas e chore muito dignamente o que por mim padeceu..... (ANÔNIMO, s/d) (Sic.)

Para além de construir imagens que ressaltam, na narrativa, exposição de figuras tensas e mórbidas como “encravado na cruz”, “submergida num... mar de amargura”, “compadeceste vossa aflita mãe”, “compaixão de lágrimas” e “padeceu”, o autor anônimo lança um apelo aos sofrimentos moral e físico da mãe das Dores, que se compadece, chorando por causa do martírio do seu filho Jesus Cristo. Essas são imagens literais que identificam e expõem a figura de Jesus Cristo como um ícone fixo e entranhado na própria cruz, acabam por conferir uma relação de mimetismo, que o confunde com a própria cruz e torna-se um símbolo de referência aos cristãos católicos que, tendo na “alma... um mar de amargura” proporciona sentimentos de tristeza e mágoa por ter morrido na cruz para salvar a humanidade. Nesse sentido, buscando solidarizar-se com as lágrimas derramadas por “vossa aflita mãe”, a oração sugere que os devotos assumam a culpa de sua morte e também “chore... dignamente” pelo padecimento do Senhor.

Nomeando Nossa Senhora como “Imperatriz do céu e do mundo”, o autor do folheto clama para que a santa aceite sua participação no choro como um pequeno tributo de um devoto que deseja anunciar ao mundo que o seu “coração (...) é o mais terno e compassivo que Deus enviou”. Essas atitudes sinalizam para uma prática religiosa indicada pela Igreja Católica – por meio de orações no formato de folhetos –, na qual recomenda aos devotos abstrair da experiência e da vivência de seu mundo, que é sempre imperfeito e cheio de “enganos”, para empreender uma ação que busca ser reconhecida por sua Santa protetora, que lhe concederá o favor da salvação eterna. Ao sugerir que para continuar “triunfando sobre os enganados do mundo” material, no qual convive, o bom cristão deve habilitar-se permanentemente para alcançar no “... Império do Céu e do mundo” a perfeição e a glória, que estão situadas em outras dimensões: temporal e espacial.

A despeito de o folheto insistir em apontar uma dimensão temporal exterior às experiências, observamos que atitudes religiosas, vivenciadas no presente e espalhadas pelo interior nordestino pelas procissões, pagamento de promessas, jejuns, açoitamentos com cilícios durante a semana santa, abstinências, nos permitem perceber que grupos sociais tomam para si os martírios de Jesus, externam a emoção por meio do choro e utilizam seus corpos nas penitências (CARIRY, 1987, p. 184)<sup>3</sup> para inscrever os contra as injustiças, a seca, a fome.

Se devotos utilizaram o corpo para inscrever dores e injustiças experimentadas para compará-las aos sofrimentos de Jesus, o autor do folheto recomenda que o corpo do fiel deve ser utilizado para registrar e escrever as “feridas” da Santa “no meu coração” – do penitente – como símbolo capaz de evocar a memória para recordar de “amarguras”, “dores”, “sofrimentos”, “desprezo” assinalando qual o tipo de ensinamento que deseja estabelecer com a Santa. Assim, o autor indica na jaculatória:

Escrevei Senhora, vossas feridas no meu coração para que nele leia e conserve a vossa amarga dor e vosso fino amor; dor para sofrer por vossa intercessão todas as dores; amor, para desprezar por vós outro qualquer amor. (ANÔNIMO, s/d).

Nessa parte declamada e introdutória das jaculatórias declamadas, percebemos que o autor pretende registrar os sentimentos de amargura, amor e desprezo dos fiéis, tomando as dores da Santa para escrevê-las em seu coração. Assim, utiliza um órgão de seu corpo que é definido como ícone do amor ocidental para historiar aquela vida sagrada e reter suas emoções. Contrapondo-se à escrita/leitura, o exercício das jaculatórias é manifesto por um “coro”, por meio da recitação de quadras, versos de quatro pés, que são acompanhados de um refrão, repetido sempre ao “...fim de cada uma e das seguintes, ditas pelo cantor” (ANTONACCI,

<sup>3</sup> “As práticas e os rituais de penitências chegaram ao Brasil, aqui sofrendo modificações pela contribuição do negro e do índio. Em fins do século passado, os negros da Bahia, nos seus rituais religiosos, adotaram a flagelação, a que denominavam ‘inhame novo’ e era executada nas sextas-feiras, como tributo a Oxalá. No Nordeste, a penitência popularizou-se com as Missões, os padres falavam às massas camponesas pobres e abandonadas, das provações do mundo e dos horrores do inferno, incutindo nas almas incultas e crentes a necessidade do sacrifício e da penitência para conquistar o reino dos céus.”

2001, p. 48) e intercalados pela reza coletiva de ave-marias, lançando um apelo à memória.

Desta forma, observamos que a oração da Novena desse folheto religioso recorreu a várias linguagens para transmitir recomendações religiosas para públicos diferenciados que, portadores de diferentes tradições receptivas, puderam realizar amplas e distintas leituras, interpretações e ressignificações. O texto em prosa conclama os que sabem decodificar os códigos escritos por meio da leitura do texto impresso para conservar os sentimentos que estão resguardados por meio da escrita, o esforço da poética em versos e buscar aproximações, ainda que pobres, com o ritmo e a rima, que articulam cadências para recitação. Essa operação busca ampliar a participação de um coletivo que, ouvindo, falando e repetindo, construiu sentidos com base em percepções da audição, da fala e da memória que se manifestam tomando-se por base as tradições de oralidade. Ainda que o cantor do refrão haja como um solo – cantando sozinho –, conclama, quase sempre, a participação de um conjunto de pessoas que, além do ritmo, produzem um sentido ritualizado na cantoria das jaculatórias.

Os folhetos religiosos da Coleção José Aderaldo Castelo apresentam várias nuances e diferenças. Observamos no folheto *Novena do glorioso patriarca S. Francisco das Chagas*, (TABOSA, 1928, p.5), considerado como “tributo de homenagem” a São Francisco das Chagas, que aparece identificado com a cidade cearense do Canindé, sendo assimilado e homenageado como “São Francisco das Chagas do Canindé”. A despeito de a autoria desse folheto ser identificada apenas pelas iniciais “O. D.”, característica muito incomum daquelas apresentadas nesse tipo de literatura, percebemos um certo amparo do Monsenhor Tabosa ao encaminhá-lo à impressão em tipografias de ordens religiosas. Esse monsenhor é o possível responsável em solicitar a aprovação eclesiástica para conseguir estampar *Imprimatur* no folheto contendo exercícios, recomendações e orações religiosas cuja data e local – outra característica incomum – foram destacadamente registradas: “Fortaleza, 6 de julho de 1928”.

Contudo, já no início do texto escrito em prosa e verso, pode-se ler *Novena de São Francisco em homenagem ao culto tributado a São Francisco das*

*Chagas em Canindé*, o que indica apenas uma homenagem ao santo pelos moradores de Canindé.

É significativo aparecer logo na primeira linha do texto o anúncio do vigário: “Deus, vinde em **meu** auxilio”, aconselhando que os presentes respondam: “Senhor! Apressai em **me** socorrer”, para em seguida anunciar o pertencimento cristão por meio das três pessoas da santíssima trindade; o vigário prega “Gloria ao **Padre**, ao Filho e ao Espírito-Santo”, ao que é respondido: “Agora como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos”. A denominação de padre também pode ser identificada como sinônimo de pai; porém, no contexto em que foi veiculado, em meio a uma reza, numa novena que comporta todo um ritual considerado pelos católicos como sagrado, a vinculação da ideia de “Padre” ao de “Pai Nosso” assume referência direta à construção de imagens que articulam noções do sagrado identificadas à materialização de figuras terrenas, construindo uma hierarquia que articula a família e a instituição da Igreja. Mais do que isso, essas confluências “padre, pai e Pai Nosso”, que articulam dimensões sagradas vinculando noções de poder de um Deus possessivo, também são estabelecidas em relações nas quais senhores e políticos, buscando estender à sociedade ações paternalistas, recorrem à esfera divina para sacralizar e cristalizar suas posições de mando no/do poder político no interior do Nordeste brasileiro (CHAUÍ, 2000, p 19).<sup>4</sup>

A novena de São Francisco, elaborada por representante católico e impressa em tipografias de igrejas agrupadas pelo Monsenhor Tabosa, embora não figure como autor de folhetos, sugere um ritual que começa com a “Oração Preparatória” ressaltando o prodígio e a santidade de “Francisco de Chagas”, para, fundamentalmente, suplicar a este

...pelos merecimentos de Nosso S. J. Cristo e pela vossa intercessão, me alcanceis os favores que vos peço na novena se foram para a maior honra e glória de Deus, pois em tudo conforme a sua santíssima vontade (TABOSA, 1928, p.5).

Esse recorte possibilita visualizar que a novena funciona como um momento de reza e contrição, no

<sup>4</sup> A respeito da formação de uma “sociedade patriarcal” e o poder divino são instigantes as reflexões de Chauí, Marilena. “O que comemorar?”. *Projeto História*, São Paulo: EDUC, 2000.

qual o devoto suplica a “intercessão” do Santo, nesse caso de São Francisco das Chagas, que desfruta de grande prestígio junto a Deus, pelo seu exemplo de humildade, para mediar os favores do devoto para a “maior honra e glória de Deus”. É preciso ter claro que esta prece significa a concepção que o vigário geral tem do modo com o qual os fiéis devem proceder com os pedidos e comportamentos para alcançarem as pretendidas e devidas graças.

Logo após, tem início uma reza em coro, cujo sentido fundamental é suplicar a São Francisco, que teve uma vida de dores e martírios semelhantes à de Cristo, interceda junto a este pelos pecadores. Em seguida, na “Oração de súplica”, é mantido o mesmo clima de exaltação “...pelo  **fervor e confiança** que o povo vos dedica em romarias ao Santuário do Canindé intercedei ... para com Deus Nosso Senhor Supremo. Amém.” (TABOSA, 1928, p.8).

A oração seguinte da novena, dirigida a Jesus Cristo, significativamente destaca a renovação de sua paixão nas chagas de São Francisco – padroeiro da região –, pedindo que, por meio do merecimento desse Santo, seja concedido “que possamos levar a cruz e fazer frutos da penitência” (TABOSA, 1928, p.8). Percebendo os sinais, registros de fé e confiança dos hábitos populares nas romarias em Canindé, Monsenhor Tabosa manda imprimir e divulgar princípios de uma educação religiosa por meio de um folheto a São Francisco de Canindé, buscando construir regras, valores e normas para viabilizar, mediante esse instrumental, a reafirmação da fé em nome de Jesus Cristo e orientar as práticas populares por intermédio da Igreja Católica.

Poderíamos continuar descrevendo essa novena e assinalando súplicas, intercessões e favores do devoto para com seu Santo; porém, na parte dessa novena denominada de “Oferecimento”, chamou nossa atenção a linguagem rebuscada e o tempo dos verbos utilizados. Palavras como “prostrado”, “obséquio”, “agradastes”, “virtudes”, “voss’alma” e “adornastes” possivelmente não faziam parte do universo vocabular corrente nos municípios do interior, bem como da capital do estado do Ceará. Nesse oferecimento, a súplica direciona-se aos valores considerados religiosos e moralmente importantes,

“...Imploro ... o obséquio ... dai-me ... pureza com que a Deus agradastes ... virtudes que voss’alma adornastes ... para que ... chegue minh’alma a gozar

a gloria apetecida que jamais há de acabar” (TABOSA, 1928, p.9).

Um ponto interessante, nesta concepção, é que o devoto deve orientar sua prática religiosa pela experiência com a qual o santo “agradou a Deus”, para que sua alma possa alcançar a glória.

Procurando registrar alguns aspectos de histórias dos folhetos, vai ganhando sentido o modo com o qual a Igreja Católica utilizou o folheto religioso no formato da literatura de cordel, em prosa, versos e em prosa e versos. Ao produzir várias linguagens para se aproximar de devoções a santos, pretendeu alcançar amplos grupos sociais nordestinos vinculados por tradições orais, repassando conteúdos, princípios, dogmas e práticas com os quais fiéis e devotos daqueles santos pudessem, mediante recomendações de uma pedagogia autoritária, habilitar os sentidos e a postura para apreender e exercitar práticas religiosas do catolicismo como orientação a seus modos de vida, comportamentos, relações familiares e de vizinhança.

Neste sentido, os folhetos, enquanto produtores de linguagens e suportes de relações sociais, serviram tanto para transmitir mensagens religiosas, como possibilitaram que leigos, letrados, beatos, rezadeiras cumprissem, junto às famílias do interior nordestino, desde o final do século XIX, circulação de mensagens religiosas semelhantes às desempenhadas pelas Santas Missões (REGNI, 1991, p. 253)<sup>5</sup> em períodos mais recuados no tempo. Ainda que procurassem manter segredos e mistérios atrás de uma escrita rebuscada, outras linguagens, articuladas nas produções de folhetos, possibilitaram que grupos vinculados a tradições de oralidade pudessem incorporar seletivamente mensagens e exercícios religiosos (WILLIAMS, 1979, p 118)<sup>6</sup>,

<sup>5</sup> São importantes as considerações feitas por Regni para compreendermos como aspectos da tradição religiosa foram apreendidos das Santas Missões dos capuchinhos. Apontando que um dos propósitos dos sermões era “...destinado a transmitir à posteridade a fé dos antepassados e as palavras dos missionários que haviam ensinado o caminho de Deus”. Nesse sentido, interessa retomar o que foi descrito em relação às “Santas Missões”, quando se referem a que em “lugares pobres e espiritualmente meio abandonados, a santa missão representava um acontecimento tão importante que servia ao povo como ponto de referência para relembrar fatos e calcular a sucessão dos anos”

<sup>6</sup> Segundo Williams “o que temos de ver não é apenas ‘uma tradição’, mas uma tradição seletiva: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelar e de um presente pré-moldado, que se torna poderosamente operativo no processo de definição e identificação social e cultural”.

e com base em suas experiências construíram culturas religiosas no interior do Nordeste.

Observando mais de perto a importância da produção, as formas de veiculação e uso de folhetos, indo um pouco mais adiante das relações de compra e venda, percebemos trajetórias percorridas por essas publicações que, muitas vezes, sendo referências únicas de impressos na maioria das casas do interior do Nordeste, entre o final do século XIX e anos 1940, serviram a múltiplas finalidades no espaço doméstico (BRITO, 1999, p. 155). Por exemplo, registrar datas importantes do convívio familiar, de nascimento, morte, doenças; os círculos de festas, marcar compromissos e, principalmente, por meio de leituras coletivas buscar orientações em exercícios religiosos, integrando verdadeiras redes. Passando de mãos em mãos, emprestados a vizinhos, parentes e amigos, contribuíram para a construção de práticas e experiências do fazer de cultura religiosa.

Entretanto, voltando ao “Oferecimento” da novena, observamos a perspectiva de exortação à conversão de pecadores, permeada por apelos moralistas para que homens e mulheres não se afastassem de regulamentações sagradas, guardando semelhanças com as mensagens da Missão Abreviada, que exerceram grande influência sobre a pregação popular e a vida religiosa, tanto em Portugal como no Brasil. (REGNI, 1991, 246).<sup>7</sup>

Além do ritual da missa e de cerimônias religiosas ministradas na Igreja pelo padre, no espaço de (re) união e aglutinamento de pessoas, que se deslocavam de muitos lugares para ouvir e acompanhar uma consagração, os fiéis ganhavam visualidade e reconhecimento da Igreja ao desempenharem ações religiosas, no caso, a peregrinação ao santuário de São Francisco. Partindo de diferentes lugares e estados, organizados em grupos, rezavam em procissões praticando ações religiosas em tempos e espaços diferenciados, cujas atuações tanto de ações de catequização de missionários, como de exercícios individuais e coletivos de leituras/audições de folhetos e novenários recomendados e veiculados pela Igreja Católica, em muito devem ter contribuído na construção destas práticas religiosas.

Contudo o “vocabulário” e as expressões da linguagem erudita impressa, presentes nas novenas e rezas divulgadas pelo vigário geral, não são apenas

palavras rebuscadas ou expressões da comunicação eclesiástica. Elas constituem a produção de uma linguagem praticada por grupos religiosos, por meio da qual dão a ver seus modos de ser, de pensar e de agir. Apegados a uma tradição religiosa, em que a evangelização estava vinculada a um processo conduzido e organizado por uma cultura religiosa eclesiástica que aparece na *Ladainha do Glorioso São Francisco de Assis*, demarca, claramente, quem fala, como fala e para quem, além de sinalizar os que devem ler/escutar, praticar sem por em dúvida significados e/ou entendimentos. Assim, observamos na referida ladainha trechos em latim que revelam um cerimonial litúrgico demarcando a hierarquia institucional da Igreja, explicitando o lugar do Pai, do Filho e do Espírito Santo (*Santa trinita*), do santo da devoção (*São Francisco de Assis*) e dos devotos:

“*Kyrie eleison,  
Christe eleison,  
Kyrie eleison,  
Christe exaudi nós  
Pater de Goelis Dei, miserere nobis,  
Fili Redentor mundi Dei, meserere nobis,  
Santa trinita omus Dei, miserere nobis,  
S. Francisco de Assis, orá pro nobis*”. (Sic.)  
(TABOSA, 1928, p.7)

Tão importante quanto traduzir esse trecho da Ladainha, do latim para o português, é a quantidade e a diversidade de comentários e juízos com que diversos grupos sociais de católicos praticantes, do interior nordestino, interpretavam a missa, ou mais precisamente, trechos da ladainha em latim: desde as versões mais sérias e compenetradas até as mais lúdicas e jocosas. Era comum que grupos de crianças de minha geração, ao saírem das missas dominicais, recitassem em grupo, como um verdadeiro jogonal: “Regina fritou o lombo”, “roubai pra nós” era a resposta que se seguia, culminando com risos, algazarras e muitos comentários sobre a missa e o padre. Como além das cerimônias tivemos acesso a ensinamentos religiosos, por meio de uma peda-

<sup>7</sup> Segundo Regni, o que “predomina nesta obra não é a doutrina teológica, não são os princípios positivos da vida interior constituídos da graça e da participação à vida divina. Tudo isto é, sem dúvida, o fim último da obra, mas é um fim quase subentendido, resultado implícito da exposição dos elementos negativos, dos quais a alma deve fugir levada pelo terror. Nesse quadro, em que prevalecem as tintas escuras, desenvolve-se o princípio moral ‘afasta-te do mal e pratica o bem’.”

gogia severa presente nos catecismos impressos que veiculavam mensagens e princípios cristãos – muitos tomados como brincadeira, não obstante os ralhos e puxões de orelha das mães –, pensamos que é possível acompanhar muitas histórias, interpretações e significados em vários lugares do Nordeste.

Na penúltima parte da ladainha, na *décima* do ofício, percebemos que a cantoria do hino ao Santo estabelece uma comparação de São Francisco de Assis com povos e líderes que figuram no “Antigo Testamento”. Entretanto o aspecto mais interessante é visualizar, nos versos do hino, adjetivos que atribuem poderes a São Francisco. Eles permeiam todo o texto do ofício, contando, possivelmente, com a colaboração do Monsenhor Tabosa para impressão da Novena a São Francisco de Chagas em 1928,

“Fôste um escriba  
cheio de troféu  
todo instruído  
no reino do céu”. (TABOSA, 1928, p.7)

Além das qualidades éticas, morais e religiosas, outras duas aparecem de forma destacada: a de ser um “escriba” e de ser “instruído”. Nesse sentido, o Santo vai colecionar, com esses atributos, em uma galeria “cheia de troféus” e galgar possibilidades de estar no “reino do céu”. Não sabemos, ao certo, se essa ladainha é de autoria do vigário geral ou se vem de uma tradição religiosa muito anterior. Contudo, tão importante quanto acompanhar histórias de folhetos é buscar perceber os significados que lhes foram sendo incorporados por diferentes sujeitos, em diferentes construções históricas e tradições culturais. Assim, percebemos que o Monsenhor era um religioso enfronhado no conhecimento da história do Antigo Testamento, já que seu texto é povoado de referências às atitudes e experiências dos líderes religiosos de povos da antiguidade.

É importante perceber que, para o vigário geral, a experiência religiosa está intimamente vinculada ao exercício de compreender a religião por meio do conhecimento das letras. Foi dessa forma que aprendeu, detalhadamente, dimensões da vida do Santo. Este era também um parâmetro importante sugerido pelo padre, que os devotos de São

Francisco trilhassem, para alcançarem a salvação, enquanto troféus para chegarem ao céu.

Para essa concepção religiosa, a vida e as experiências dos santos são exemplos a serem “imitados” e seguidos pelos fiéis como sinal de respeito e obediência ao santo. Nesse sentido, há uma sugestão implícita à necessidade do conhecer a escrita e ler a letra como uma possibilidade de aproximar-se do Santo e, por seu intermédio, chegar a Deus.

Podemos vislumbrar que ao Santo foi atribuída a habilidade de lidar com a escrita – “foste um escriba” –, uma pessoa com capacidade de representar ideias ou palavras por meio de uma grafia. Entretanto, além disso, escriba significa aquele que acompanha, por meio da leitura e da interpretação do que leu as referências do texto escrito do “antigo testamento”. Ser Douto em leis eclesiásticas era a condição necessária para ser “todo instruído” e alcançar respeito e reconhecimento no “reino do céu”. Compreendida desta maneira, a escrita não é apenas a forma pela qual a Igreja transmite seus modos de pensar e ensinar o evangelho, mas, além disso, demarca sua hierarquia por meio do domínio eclesiástico que se realiza por intermédio do conhecimento da escrita. Não por acaso o conjunto de princípios, leis, normas e condutas religiosas foram registradas em “livros” evangélicos, para alcançarem a posteridade, já que grafadas serviram de prova testemunhal e foram denominados de “escrituras sagradas”.

As promessas e pedidos dos fiéis dessa novena estão pautados na experiência de vida do Santo, que é um exemplo a ser “imitado”. Era por meio do exercício da escrita – conforme pudemos observar nas indicações do padre – que o devoto poderia aproximar-se do ato de contrição<sup>8</sup>. Contudo, ainda é preciso ter presente que,

<sup>8</sup> O Ato de Contrição é uma oração na qual o fiel, dispensando a mediação do santo de sua devoção, dirige-se ao Senhor Jesus Cristo, “Deus e homem verdadeiro, Criador, Redentor e Salvador” reconhecendo os méritos e as virtudes as quais devem ser “...**amado**, reverenciado e obedecido **sobre todas as coisas**...”; assinalando seu reconhecimento ao primeiro e mais importante dos mandamentos da Lei de Deus, reafirmando o princípio cristão de humildade ante a imensa grandiosidade do senhor Deus, confessa-se pecador, ingrato e traidor da infinita bondade e majestade de Cristo. Mas, sob esse reconhecimento, reivindica auxílio e graças ao senhor para nunca mais pecar, ofender e agravar e, finalmente, pede com simplicidade o perdão que espera alcançar pelos merecimentos de Jesus Cristo, por sua vida santa, pelas santas e sagradas paixão e morte, e pela “Vossa infinita misericórdia”.

“Como novo Esdras  
**ensinastes a lei**  
**aos povos** que eram  
do Supremo Rei”. (TABOSA, 1928, p.7)

A lei, nos termos indicados, configura-se como um conjunto de normas e determinações pautadas em valores que, por serem, quase sempre, de tradições de escritura e oralidade, tornam-se referência para grupos que detêm essas linguagens, para servir de orientação e princípios a serem seguidos por todos os grupos de uma sociedade, no caso, “aos povos que eram do Supremo Rei”. Esse caso indica que leis elaboradas com base nos costumes e nas tradições eram interpretadas e aplicadas por “escribas instruídos” letrados para o cumprimento de todos. Mencionado de outra forma, se as leis foram construídas nas relações estabelecidas entre homens pela produção social de diferentes linguagens constitutivas de modos de ser e professar sentimentos religiosos no contexto de diferentes culturas, seu emprego era requerido como exclusividade dos detentores dos códigos legais das normas sagradas. Observamos, nesses versos, que a elaboração de instruções legais sagradas mediante linguagem escrita como modo de ver e experimentar o mundo, ainda recorria aos ensinamentos de São Francisco, que sendo,

“... **pio** e verdadeiro,  
**reparando os males**  
do vil cativoiro.  
.....  
Sois um bom pastor  
sagrado Francisco  
tão santas ovelhas  
têm novo aprisco”. (TABOSA, 1928, p.8 ).

Por ser piedoso e devotado ao ensinamento das sagradas escrituras o santo podia “reparar os males” daqueles que vivem afastados das “leis” da escrita “do Supremo Rei” e, por isso, à margem, no “vil cativoiro”. Contudo, sendo o santo um “bom pastor”, que se empenhou em pregar e ensinar ao seu rebanho as escrituras sagradas, o ofício sugere que aqueles que se empenhassem neste aprendizado levariam as “tão santas ovelhas” sob proteção ao “aprisco” de São Francisco.

Importa destacar que o aspecto que conjuga e articula os sentidos da **escritura** e da **lei**, presente nesse hino, ainda estabelece comparação íntima entre São Francisco e Moisés,

bem como Moisés  
tão esclarecido  
sois **legislador**  
de um povo escolhido”. (TABOSA, 1928, p.8).

Nesse verso, tanto reafirma “esclarecimento” do santo em relação às leis divinas, do “Estado Teocrático judaico”, reunidas por Moisés na inscrição dos Dez Mandamentos, como lhe atribui poderes de quem tem competência para elaborar leis, um legislador de um povo escolhido por sua capacidade de orientação religiosa, seguindo as escrituras sagradas.

Assim, acompanhamos aspectos e pretensões do vigário geral, que pautado em linguagem eclesiástica, no conhecimento das leis, ou mais precisamente das escrituras, versava mediante palavras e expressões oriundas de tradições orais e letradas, sobre uma concepção religiosa regulamentada pelas escrituras, expressando sua linguagem religiosa para outros modos de ser.

Contudo, na parte do encerramento desse ofício, no “oferecimento”, observamos uma mediação da ênfase frente aos aspectos da lei/escritura,

“nós vos oferecemos  
Francisco sagrado  
êste vosso ofício  
por nós **recitado**”. (TABOSA, 1928, p. 9)

Este verso aponta para outras dimensões do exercício religioso, neste caso específico: a recitação. Esse indicativo sugere que a elaboração de folhetos religiosos, com linguagens em prosa e versos, suscita, na recitação, apelos para ser declamado por meio de performances, dando a ver que esses textos escritos foram assimilados, memorizados, enunciados por sujeitos oriundos de tradições de oralidade, sugerindo formas com as quais esses grupos participavam das práticas de devoção ao Santo, junto de outros que detêm o conhecimento das leis, numa recitação que se afigura como grupal.

Se a recitação na forma de poesia e de versos curtos foi uma estratégia, dentre outras, utilizada pela Igreja para assegurar a compreensão e divulgação de seus ensinamentos para grupos portadores de tradições de oralidade, percebemos que a recitação havia-se tornado um gênero bastante utilizado por poetas populares de estados nordestinos em período anterior à produção dos folhetos impressos e veiculados pela Igreja Católica do Ceará, entre as décadas de 1910 e 1920.

É importante observar que a experiência da Igreja em utilizar livretos, catecismos, breviários, traduções populares da Bíblia, remontava a uma prática desencadeada na Europa desde o século XIV, quando versões da “*Devotio Moderna*” (HOORNAERT, 1991, p. 63-66)<sup>9</sup> foram largamente utilizadas, especialmente na Espanha e Portugal. Nesse sentido, a Igreja atua na perspectiva de recuperar terrenos ameaçados no Nordeste pela divulgação de romances, novelas e vidas de santos, em folhetos produzidos por leigos, utilizando-se de práticas de expansão dos preceitos religiosos que já havia experimentado na Península Ibérica.

### Poetas, editores e leitores: a construção de linguagens e significados religiosos em folhetos de cordel

É importante registrar que muitos folhetos contendo mensagens foram elaborados por leigos dedicados à “poesia popular em versos”<sup>10</sup>. Este é o caso do poeta que se denominou João do Cristo Rei e dedicou quase toda sua obra a versar sobre Padre Cícero Romão Batista, de quem se considerava afilhado. Além dele, Antônio Caetano, Francisco Josino, entre muitos outros, foram poetas que, além de versarem sobre outras temáticas, também escreveram histórias e mensagens de santos, beneditos, orações em formato de sextilhas, décimas, galope, galope a beira mar etc. Editores como José João da Silva e José Bernardo da Silva, proprietário da tipografia São Francisco, uma das mais importantes, também publicou folhetos, de várias autorias, sobre essa mesma temática. Nos folhetos que trabalhamos, grosso modo, linguagens, concordâncias, grafias, concepções de moral e modos de apresentar valores religiosos que se expressam

pelas incorporações de significados articulados a uma tradição religiosa que vem do catolicismo e de outras significações congregadas com base na experimentação de uma prática religiosa conduzida por leigos.

Provenientes ou residentes, em sua maioria, no interior do Nordeste<sup>11</sup>, é possível identificar nas obras, autores, impressores e folheteiros, notadamente nas mais antigas, estreita preocupação com a realidade do homem que vive na zona rural. Geralmente pessoas de baixa renda, que utilizam pequenas tipografias manuais ou de pedal, intercaladas de madeira e ferro, nas quais textos poéticos são compostos graficamente para serem impressos em uma folha inteira por meio da montagem de tipos, “antigo sistema do ‘cata cata’”. Olegário Fernandes, poeta e impressor, revela que aprendeu a fazer composição gráfica sem ninguém lhe ensinar, vendo na tipografia o camarada virando tipo (...) mas que teve muitas dificuldades para colocar na ordem certa de impressão os tipos das letras “o a, o b, o q e o p”, “porque tudo parece uma com a outra” (BENJAMIM, 1970, p. 14-15).

O mesmo Olegário Fernandes aponta as dificuldades para a composição da primeira chapa: “eu queria fazer desigual mais não dava... camarada me disse... você bota 3 e  $\frac{3}{4}$  somente à direita, quando for 2 você conserva 2 para não sair um milímetro

<sup>9</sup> Esse autor identifica a existência da “*Devotio Moderna*” na Europa do século XIV, especialmente na Espanha e Portugal. Sugere que a devoção praticada no Brasil do período colonial é filha desse famoso livrinho, introduzido pelo devoto Gerd Groote, que havia abandonado os livros eruditos para assumir uma prática pastoral itinerante, “uma espécie de ermitão pastoral” que articulou de forma contagiante a “união entre as dinâmicas propriamente monásticas da vida devota e suas dinâmicas pastorais” contra o “elitismo monástico e celibatário”. A ampla repercussão da Devoção Moderna acabou por produzir um pequeno livro (opúsculo) denominado *Imitatio Christi*, que sugere a “equiparação de clérigos e leigos em relação à vida devota: todos são chamados à santidade, celibatários e casados, leigos e sacerdotes, hierarquia e ‘povo cristão’”. Sendo esse livrinho de fácil compreensão, manuseio e aquisição, a possibilidade da santificação estava colocada no cotidiano dos cristãos, possibilitando uma prática religiosa, onde todos, na “devoção”, eram iguais diante dos santos e da tarefa de “santificar”.

<sup>10</sup> Denominação dada aos folhetos de cordel por estudiosos da Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>11</sup> Câmara Cascudo registra que, a cada ano, mais de mil folhetos na década de 1950 eram impressos no interior do Brasil, por uma dezena de editoras exclusivas que imprimiam esses folhetos para um público fiel e complexo, citando os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba como os maiores centros irradiadores dessa literatura. Ao lado desses estados, o Pará tem a editora Guajarina, que imprime para a Região Amazônica.

e não faltar um milímetro... sai certinho” (LOPES, 1986, p. 115). Nesse sistema, após a impressão da folha de papel, Beck (1985, p. 7-10) em “jornal” pardo, grosseiro e de má qualidade, ao serem dobradas em quatro partes formam os folhetos que medem, geralmente, de 17 a 15 X 11 centímetros, capas estampadas com vinhetas simples e rebuscadas, sendo que depois de 1914 apareceram capas com clichês de cartão postal, mas as vinhetas predominaram até 1930 (TERRA, 1979, p. 25).

É significativo que encontremos folheto religioso em verso, classificado sob nº 21, na mesma Coleção de JAC (IEB/USP), produzido por um leigo sob a denominação *Só Meu Deus e Mais Ninguém*, sem data e autor registrados no texto, o que é comum a esse tipo de publicação, excetuando-se os folhetos produzidos e impressos em tipografias de ordens religiosas que recebiam autorização eclesiástica de imprima-se (*imprimatur*) para serem editados. Consultando o dicionário Bio-Bibliográfico (ALMEIDA E SOBRINHO, 1978), percebemos que a autoria desse folheto é atribuída a Antônio Caetano de Souza, tratando-se de um texto caracterizado, pelos estudiosos, como **décima**, tipo de poesia que apresenta, no seu texto, 10 versos ou pés, cada um contendo sete sílabas. É interessante notar que esse tipo de poesia, que também aparece impressa no formato de folhetos, aparece mais frequentemente, cantado na forma de trova por repentistas, o que nos permite dimensionar sua recitação nas ruas, praças, em espaços mundanos, não necessariamente em recintos ou cerimônias religiosas da Igreja Católica.

Esse folheto apresenta na capa uma xilogravura com a imagem de Jesus Cristo, com uma auréola sobre a cabeça, denotando sua santidade. Vestindo túnica, possibilita visualizar, sobre o manto, a imagem de um coração como emblema, no qual aparece uma cruz, símbolo do amor que o “sagrado coração” dispensa a seus irmãos. Ocupando o lado esquerdo para o centro da capa do folheto, essa imagem xilográfica destaca, em primeiro plano, o olhar firme, direto, penetrante, mas que insinua ternura, tranquilidade e humildade acompanhadas de um gesto corporal de consagração e bênção, possibilitando uma leitura visual do conteúdo do texto escrito.

Versando sobre a criação divina da natureza, do céu, dos astros celestes, do mar, dos vegetais, dos

minerais, articula esses conteúdos com a cultura material da plantação, da fartura, das variações climáticas, dos períodos propícios aos tratos com os vegetais e animais. Nessa perspectiva, o texto vincula-se a um universo que conjuga ideias e trajetórias da vida de Jesus, do reino celestial, da santíssima trindade, do paraíso, do juízo final a um cotidiano terreno que termina sempre no “mote” **“só meu Deus e mais ninguém”**, em linguagem rimada preocupada com ritmo, na qual a grafia acompanha mais a sonoridade das palavras do que normas de uma linguagem escrita. Dando a ver o lugar de onde fala e para quem fala, acompanhamos em alguns versos de Antônio Caetano essa confluência da vida celestial com a vida material,

“Acordei-me de manhã  
vendo a clara luz do dia  
tingindo uma **maravia**  
alegre como um **losan**  
as **nuvis** cor de **roman**  
bordando os montes também  
nisto o vento, ai vem  
soprando a briza fagueira  
eu disse desta maneira  
só meu Deus e mais ninguém

.....  
**os passarinho** tembem  
alegre cantam **com trito**  
oh! Que poder infinito  
só meu Deus e mais ninguém

.....  
Falamos nos vegetais  
nos dando alimentação  
de milho arroz e feijão  
e criando os animais  
deste reino minerais  
muita fortuna nos vem  
agora pergunte quem  
inventou tanta grandesa  
autor da natureza  
só meu Deus e mais ninguém”. (SOUZA, s/d, pp.1 e 2).

Nesses fragmentos de um poeta quase anônimo, percebemos que a compreensão de Deus esta intimamente relacionada à da criação do mundo e de todas as coisas. Coisas que aparecem no texto

poético com expressões de experiências vividas, materializadas em universo que brilha a cada manhã puxando o tom do dia, colorindo nuvens, desenhando espaços que se movem como o vento, como aves que voam percorrendo o infinito. Imagens quase bucólicas de um cotidiano que traz consigo formas de sobrevivência construídas no reino animal e vegetal, sendo o “autor da natureza” “só meu Deus e mais ninguém”, em perspectiva que articula criação divina, da natureza e do homem, e aponta, nessa expectativa, uma visão quase animista da gênese do mundo.

Meu Deus, essa é a relação social da posse, configurada enquanto o eu do poeta, do cristão, do devoto, do crente que estabelece uma relação pessoal com seu Deus. Nesse sentido, ela é direta e intransferível, não aceita mediações nem da Igreja, nem do padre, nem do Vaticano ou mesmo do Papa, “só ... Deus e mais ninguém”. Nessa prática religiosa não existe, de forma pretérita, espaço do pecado e da culpa como uma dimensão genésica, original, que todos os cristãos já adquiram ao nascer.

Na estrutura poética da **décima**, “só meu Deus e mais ninguém” é um mote que na linguagem oral, da cantoria, da trova, que por estar sempre em aberto, chama o outro para um diálogo, para participar compondo um verso com sua experiência, com seu sentimento de Deus, construindo uma religiosidade que admite leitura, compreensão e interpretação de quem participa. Esta perspectiva dessa cultura que organiza seus modos de ser e professar sentimentos religiosos com base em tradições oralmente transmitidas preocupa-se mais com o falar e escutar do que com a grafia das palavras.

Assim, percebemos um esforço para rimar “dia” com “maravia”, “losan” com “roman”, “fagueira” com “maneira”, “alimentação” com “feijão”, “animais” com “minerais”, conferindo ritmo e facilitando a memorização indispensável em matrizes poéticas orais. Além disso, palavras grafadas nos versos como “nuvis, ...roman, ...maravia, ...os passarinho, ...com trito, ...briza” ganham sentidos de modos de falar de muitos grupos sociais do Nordeste.

“Saiu Deus da Galiléa  
percorrendo o Oriente  
curando o povo doente

e foi para judéa  
fazendo sua idéa  
tendo nascido em Belém  
não tem porque nem porém  
nem **anjos de bom diploma**  
nem **Santo Papa de Roma**  
só meu Deus e mais ninguém

.....  
Tudo Deus **creou** e fez  
com sua sabedoria  
fez a noite e fez o dia  
tudo de uma só vez  
deixou sua **santa leis**  
pra quem estava além  
e fez tudo que lhe **convêm**  
que autor da natureza  
senhor de tanta grandeza

só meu Deus e mais ninguém. (Sic.) (SOUZA, s/d, pp.2 e 3).

Nos caminhos e paragens percorridos por Deus filho, criador da noite e do dia, “meu Deus” espalha ensinamentos de sua santa lei, construindo uma prática religiosa tecida na relação com o outro. Por sua vez, esse outro subjacente, aqui representado pelos cristãos, devotos, crentes e fiéis, estabelece relações com Deus sem mediações de terceiros, nem “**anjos de bom diploma**”, nem “**Santo Papa de Roma**”, só meu Deus e mais ninguém.

Como é possível notar, mesmo em uma linguagem que busca aproximar-se mais da oralidade, a escritura de palavras não é relegada a um plano insignificante. Além disso, há uma clara referência a elementos da tradição escrita, “**bom diploma e santa leis**”, denotando também hierarquia de quem a possui. Todavia, aqui essas referências estão intimamente relacionadas a uma ordem celestial, que indica uma referência fundamental a modos de relacionar-se com dimensões religiosas de grupos sociais do Nordeste brasileiro.

Até aqui tratamos das novenas, trezenas e orações nas quais buscamos visualizar os locais, datas, formatos, quem, para quem e como foram produzidos, quais os tipos de veiculação moral, ética e religiosa, por que a Igreja Católica elaborou folhetos para transmitir mensagens religiosas e que possibilidades apresentavam de serem ressignificadas.

Para surpreender outras articulações na produção de linguagens presentes nos folhetos religiosos que conseguimos levantar no IEB, voltamos atenções para a linguagem imagética das capas. O folheto *Ofício da Imaculada Conceição* é caracterizado por um conjunto de orações destinadas a essa santa, apresentando versos e três pequenas orações em prosa; seu formato assemelha-se ao do folheto popular em verso, contendo dezesseis páginas.

Apresentando uma capa que ocupa apenas dois terços, visualizamos na parte superior a inscrição destacada em negrito “Ofício a Imaculada Conceição”, que é acompanhada da imagem da santa, em detalhado clichê de cartão postal. A moldura imediata que circunscreve a imagem apresenta ornamentos que, na parte superior de um retângulo, mostra pequenas arcadas ornadas por “querubins”. A figura da imaculada possui uma auréola sobre a cabeça que sugere que lhe confira santidade. Dirigindo seu olhar ao infinito, de cima para baixo, sugere alcançar um amplo espectro, que pode chegar a muitos, sem perder o ar de autoridade. Suas vestes claras e luminosas são acompanhadas por uma túnica mais escura, que lhe cobre do pescoço aos braços, deixando expostas as mãos, das quais emanam fluxos claros que sugerem transmitir energia para viçar a fauna e a flora, representadas por flores e pequenos animais que contornam a moldura, indicando um paraíso.

Como vimos anteriormente, o folheto denominado *Novena em Honra a Nossa Senhora das Dores* (ANÔNIMO, s/d, p.1), apresenta marcas tipográficas peculiares. Em sua capa a imagem da santa é representada por um clichê de cartão postal de uma estátua. Em primeiro plano, a imagem da Santa, vestindo túnica branca, da cabeça aos pés, com as mãos postas, contendo um rosário e olhar direcionado para o alto que denota tristeza, comoção e resignação. Em segundo plano, uma gruta de pedras sugere um local de morada ou de pregação. É possível visualizar, em terceiro plano, um fragmento com maior claridade que insinua um céu com poucas nuvens.

Além desses, o folheto *Só meu Deus e Mais Ninguém* também apresenta uma xilogravura na capa com a imagem de Jesus Cristo, com uma auréola sobre a cabeça, denotando sua santidade conforme analisamos anteriormente.

O conjunto desses folhetos permite percebermos que as produções de imagens, de letras, de gestos são linguagens que, presentes nas capas de folhetos, sintetizam o texto, apelando para sentidos e perspectivas de envolvimento dos devotos em dimensões do pensamento cercados de sensações emotivas.

Assim, as iconografias das capas que apresentam imagens de santos iluminados com uma auréola, vestes compridas para disfarçar as formas do corpo, ressaltando o poder das mãos que atuam com vigor sobre as coisas do mundo, como resumo do texto escrito, ou seja, são imagens que se dirigem aos céus buscando interceder pelos devotos, distribuir bênçãos e graças, oferecendo o paraíso, determinado por exercícios, orações e práticas religiosas permanentes que exigem fidelidade aos princípios cristãos.

Materializadas em corpos, masculino e feminino, tais imagens buscam disciplinar com gestos modestos e comedidos, recomendar atitudes e comportamentos performáticos, aproximando sagrado/profano de configurações cotidianas das formas de vida de grupos sociais do Nordeste. Mais do que isso, ao enfatizarem esses aconselhamentos expondo o coração de Jesus Cristo e de Maria como emblemas de fé, de amor, de sentimentos religiosos, apelam para sentidos e emoções com os quais pretendem sacralizar dimensões materiais de culturas católicas construídas historicamente em várias temporalidades.

Assim, ao refletir sobre os significados atribuídos aos corpos, atitudes performáticas, imagens e as linguagens conferidas por diferentes grupos letrados e não letrados das narrativas em prosa e verso nos folhetos, observamos alguns indícios de flexibilizações na linguagem escrita dos folhetos; ao utilizar-se da poesia em versos nas orações, sem asseverar o ritmo, pontuação e o rigor gramatical, conservando certa melodia da fala, as mensagens aspiravam ser compreendidas e memorizadas por grupos de tradições de escrita com base no canto coletivo, no tom emocional das cerimônias religiosas vivenciadas por outras tradições orais.

## Para concluir

O texto *Produção, circulação e leitura de textos religiosos em prosa e verso: educação católica*

na literatura de folhetos do Nordeste apresentou campos de tensão, nas produções de linguagens em folhetos religiosos em prosa e versos, revelando como a Igreja Católica utilizou em vários estados do Nordeste, a literatura de folhetos – um suporte de linguagens usado por grupos do interior –, como um meio para orientar, transmitir e discipli-

nar grupos oriundos de tradições escritas e orais, buscando conferir sentidos a suas práticas religiosas. Todavia, observamos que os referidos grupos incorporaram seletivamente essas tradições de escrita e oralidade, procurando aferir permanentes significados na constituição/reconstituição de suas culturas religiosas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Átila Augusto F. de; ALVES SOBRINHO, José. Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada. João Pessoa : UFPb ;Campina Grande: CCT, 1978. v.I.
- NOVENA em honra a Nossa Senhora das Dores. São Paulo: USP, [S.: n]. (Col. JAC - Religiosos, 12).
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Relatório Científico FAPESP**, 2001.
- BECK, Ingrid. **Manual de conservação de documentos**. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, 1985. (Publicações técnicas, 42)
- BENJAMIM, Roberto; GRUND, Edgar. Mito e verdade de um poeta popular. **Revista de Cultura Vozes, Petropolis**, ano 64, v. 64, n. 8, 1970.
- BRITO, Gilmário Moreira. **Pau de colher na letra e na voz**. São Paulo: EDUC, 1999. p. 155, 163.
- CARIRY, Rosemberg. **Cultura insubmissa**. Fortaleza: EdUFC, 1987. p. 184.
- CHAUÍ, Marilena. O que comemorar? In: **Projeto história**. São Paulo: EDUC, 2000.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em joazeiro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOORNAERT, E. **O Cristianismo moreno no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- LOPES, Ribamar. **Literatura de Cordel: antologia**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1986. Folhetos, exemplares comentados.
- REGNI, Pietro V. **Os Capuchinhos na Bahia: da Prefeitura à custódia: 1892-1937**. Salvador:[S.:n], 1991. v.3.
- SOUZA, Antônio Caetano de. **Só meu Deus e mais ninguém** [S.:n. s.l.] (Col. JAC / IEB / USP)
- TABOSA, O. D. Mons. “Novena do glorioso patriarca S. Francisco de Chagas” e “tributo de homenagem ao glorioso patriarca São Francisco das Chagas do Canindé”. Fortaleza: Imprimatur, 1928. (Col. JAC- Religiosos, 5.)
- TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste: 1893 a 1930**. São Paulo: Global, 1979.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

*Recebido em 25.10.10*

*Aprovado em 20.12.10*